



O NARRADOR E OS PERSONAGENS VAGALUMES DE MARIA VALÉRIA REZENDE*

THE NARRATOR AND FIREFLY AND CHARACTERS BY MARIA VALÉRIA REZENDE

Adriana Aleixo Neto¹

Resumo: Este artigo pretende analisar a importância da personagem narradora nas obras da escritora Maria Valéria Rezende em dois de seus romances: *O voo da guará vermelha* (2014) e *Outros cantos* (2016). A escrita de Rezende está em constante diálogo com a atualidade e, mostra-se presente entre seus personagens a contação de histórias e sua relação com a precariedade da condição de trabalho e educação no Brasil. Através da análise das características dessas duas obras, percebeu-se o perfil do sujeito empático e invisibilizado pela sociedade. Para esse estudo, foi feita a ancoragem nos textos de Benjamin (1987), Deleuze e Guattari (2009), Didi-Huberman (2011).

Palavras-chave: Personagem-narrador. Contemporaneidade. Maria Valéria Rezende.

Abstract: This article intends to analyze the importance of the narrator character in the works of the writer Maria Valéria Rezende in two of her novels: *O voo da guará vermelha* (2014) and *Outros cantos* (2016). Rezende's writing is in constant dialogue with the present and, among its characters, the storytelling and its relationship with the precariousness of the condition of work and education in Brazil is shown. Through the analysis of the characteristics of these two works, the profile of the empathetic subject and made invisible by society was perceived. For this study, the texts of Benjamin (1987), Deleuze e Guattari (2009), Didi-Huberman (2011) were anchored.

Keywords: Narrator-character. Contemporaneity. Maria Valéria Rezende.

¹ Graduada em Letras pela UEMG (1999). Mestre em Linguagens pelo CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (2021). Atualmente é Doutoranda em Linguagens pelo CEFET-MG Poeta, autora dos livros: *Des.caminhos*, ed. Patuá, 2014; *Pés*, ed. Patuá, 2016, *Das muitas formas de dizer o tempo*, ed. Ramalhete, 2019. Professora de Português da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5317-2717>. E-mail: adrianalinguagens01@gmail.com.

* Artigo recebido em 15 de setembro de 2022. Aceito para publicação em 20 de novembro de 2022.

As personagens vagalumes e a narração

Walter Benjamin, em seu conhecido texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, distinguiu dois arquétipos de narradores orais: o campo-nês sedentário e o marinheiro viajante, que constituem apenas tipos fundamentais. Para ele, “A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos”, (BENJAMIN, 1987, p. 199) sendo que “O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1987, p. 214).

Dentre os romances de Maria Valéria Rezende, todos contemporâneos e com linguagem que aborda a vida e os anseios dos invisíveis de nossa sociedade, há, entre dois deles, uma forte interlocução: *Outros cantos* e *O voo da guará vermelha*, pois em ambos a presença do sertão está aliada à questão do deslocamento e da educação popular, e assim, como citou Benjamin, tanto o indivíduo caminhante, o homem em êxodo, quanto o educador local, fruto das camadas populares, poderão contribuir para o enriquecimento da narrativa. Nesses dois livros, identifica-se, mesmo que de forma diferente, como a autora trabalha a importância das palavras e da conscientização social na vida de um povo, um país. Mais ainda: há nesses dois romances o brilho de personagens vagalumes que se acendem nos outros: seus parceiros, amigos, vizinhos, companheiros. Em *Sobrevivência dos vagalumes*, Didi-Huberman argumenta que o tempo que precede a guerra e os conflitos é um tempo em que “os conselheiros pérfidos’ estão em plena glória luminosa, enquanto os resistentes de todos os tipos se transformam em vagalumes fugidios tentando se fazer tão discretos quanto possível, continuando ao mesmo tempo a emitir seus sinais”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 17). Essa alegoria pode ser utilizada para ler os tempos atuais e as obras aqui em estudo, pois, como vagalumes, as personagens de Maria Valéria Rezende vão emitindo seus sinais em busca de conhecimento e instrução e, tal como pode ser rarefeito o alimento, lhes é raro também o acesso à literatura. É aí que entram Rosálio, a prostituta Irene e também Fátima, a grande amiga de Maria no romance *Outros cantos*, gente tão sabida que marca a obra da autora mesmo a contragosto do sistema de governo vigente, gente que muitas vezes encontramos em nosso caminho. Pessoas desprovidas de diploma, mas mestres em sabedoria, artesanato, oralidade e manejo com a vida; parteiras e pedreiros, artesãos e lavadeiras que, movidos por sonhos, ganham as páginas dos romances da autora.

É possível perceber nesses romances como a autora denuncia os grandes problemas que assolam o país, ao mesmo tempo em que mostra lições de resistência e conscientização. Assim como é mostrado na obra de Didi-Huberman, quando o cineasta Pasolini percebe a escassez dos vagalumes em meio a grande proliferação de iluminação e projetores, refletores e bombas em tempos sombrios e capita-

listas que precedem as grandes tragédias, Rezende também salienta a necessidade da resistência. Seus personagens são estruturados a partir da troca de conhecimento e também por isso são os grandes narradores de suas obras.

Os vaga-lumes desapareceram, isto quer dizer; a cultura, em que Pasolini reconhecia, até então, uma prática - popular ou vanguardista - de resistência tornou-se ela própria um instrumento da barbárie totalitária, uma vez que se encontra atualmente confinada no reino mercantil, prostitucional, da tolerância generalizada (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 41).

Em *O voo da guará vermelha*, narra-se a história de um jovem trabalhador analfabeto que, como tantos outros brasileiros, migra do sertão para uma metrópole com esperanças de melhores condições de vida. Este homem é Rosálio, uma alma boa, cheia de causos na cabeça, pessoa empática, que já na grande cidade conhece Irene, uma prostituta soropositiva. Juntos, eles vão se entregar à magia das palavras. Irene, já desesperançosa, vê no homem que chega um descanso de saúde; ela é alfabetizada e ele quer muito aprender algumas palavras. Rosálio passa a visitar Irene todas as noites e, como um “mil e uma noites”, vai lhe contando histórias, em troca de algumas aulas de alfabetização. Há muita beleza e poesia nesses encontros, pois o dia a dia de ambos é sofrido e pode ser atenuado à noite quando estão juntos, partilhando suas experiências sobre uma colcha de afeto que vão tecendo. Rosálio é um sonhador e o maior dos seus sonhos é tornar-se um contador de histórias de praça pública, desses que recebem pratinha no chapéu. Antes de Irene partir, pois sua doença encontra-se muito avançada, eles realizam esse sonho. Ambos ganham a praça com roupas coloridas, chapéu e esperança.

Em *Outros cantos*, Rezende dá voz à personagem Maria; com características autobiográficas, narra-se a história da professora e militante que, depois de percorrer vários países do mundo, retorna a um conhecido rincão atendendo a um chamado para lecionar como professora de MOBREAL. O desenrolar do romance nos mostra, no entanto, várias possibilidades narrativas, como o encontro com o próprio eu e a militância como parte de um projeto internacional de conscientização popular. Nesse romance, as características do afeto e da contação de histórias também são muito marcantes: o dia a dia de Maria é mostrado através de uma linguagem rica e característica da autora, que condensa lirismo e coloquialismo do sertão. Ao chegar a Olho d'Água, ela trabalha e partilha histórias com os moradores, principalmente Fátima, sua amiga e confidente. Há, nessa rotina e nessas histórias partilhadas, uma denúncia social de um Brasil relegado ao analfabetismo e à exploração. Pessoas trabalhando mais de dez horas por dia, sem férias, descanso ou salário fixo. Crianças sem estudar, condições precárias de saúde e moradia.

Este livro revela, assim como *O voo da guará vermelha*, a migração como fator determinante: único horizonte a separar famílias, definir destinos e apresentar-se como as ondas de um mar muito revolto. Maria passa a narrativa tentando aos poucos conscientizar as pessoas; ela não pode revelar-se como sindicalista e, enquanto aguarda o prometido e demorado início das aulas, é descoberta e precisa fugir. Entendemos, no entanto, que ela muito plantou e mais ainda colheu. Este é um romance em que é estabelecida uma troca de saberes entre a professora militante e os moradores de Olho d'água.

A cada leitura que se faz dos romances, é possível uma nova descoberta, como as potencialidades da linguagem, o engajamento social, o feminismo latente, as denúncias sociais, o deslocamento que se aglutina em supercamadas de gente que compõem os cenários da cidade, a contação de história, o papel marcante das personagens secundárias, a função narrativa, tão bem destacada, e os “afectos” e “perfectos”² que compõem suas obras, fazendo que se prolonguem os cheiros, as sensações, os encontros. Tudo isso só é possível porque as personagens protagonistas também são narradoras.

“Quem viaja, tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. [...] No sistema corporativo, associava-se o saber das terras distantes, trazido para a casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1987, p. 198-199).

Esses dois tipos de narradores, o marinheiro viajante e o camponês sedentário, se entrelaçam, e nas palavras de Benjamin se interpenetram, fazendo-nos compreender que uma experiência completa a outra, a do mestre sedentário e a dos aprendizes migrantes. Benjamin valoriza as narrativas orais, passadas de boca em boca; sábio, ele salienta a experiência pessoal que ganha prumo e é passada de pessoa em pessoa, ao bom narrador cabe observar as que mais se distinguem.

Para compor a narrativa de seus romances, Maria Valéria Rezende se vale de rica oralidade; o povo sofrido é seu pano de fundo e o protagonista é aquele que clama por afeto e direito à instrução. Sua narração tem linguagem esmerada em causos e coloquialismos sertanejos e, se analisada metricamente a fala das personagens no romance *O voo da guará vermelha*, serão identificados versos a sete pés, versos típicos do cordel. Importante ressaltar esta que talvez seja a principal característica

² Segundo Deleuze e Guattari, o que faz uma obra independente em seus blocos de sensações, como duração dos cheiros, prolongamento de cores ou duração dos minutos, dão os afectos e perfectos. Esse conjunto de sensações, ora determinado “bloco independente” é o que conserva a arte: “a arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva” (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 213).

dos romances de Maria Valéria: a aproximação da linguagem à cultura popular, o diálogo constante com a tradição oral, os cordéis, os cantos. Já em *Outros cantos*, a rica expressão da oralidade é percebida nas conversas da professora Maria com as pessoas de Olho d'Água, como também através de seu fluxo de memória.

Aquela música me fazia lembrar o acompanhamento das canções medievais cultivadas pelo madrigal que educara minha voz de contralto adolescente, cantadas mais vezes em longas caminhadas noturnas à beira mar do que sobre os palcos. Os dois pífanos, de tamanhos diferentes, emitindo a mesma melodia com um intervalo de terça, lembravam a música caipira da minha infância paulista, a cantoria em louvor à Virgem Maria dos remanescentes guaranis no sopé da serra do Mar (REZENDE, 2016, p. 58).

Dessa forma, os romances se constituem com exemplos de personagens que pertencem ao povo e estando no meio deles fazem de suas narrativas um modo de alfabetizar quem está próximo. Em *Outros cantos*, temos a professora Maria que conscientiza os moradores de Olho d'Água; em *O voo da guará vermelha* são Irene e Rosálio que trocam seus saberes: ele conta histórias, ela ensina palavras.

A linguagem paralela

“Nós só procuramos a verdade quando estamos determinados a fazê-lo em função de uma situação concreta, quando sofremos uma espécie de violência que nos leva a essa busca.” (SCHOPKE, 2012, p. 32). Penso que essa era a intenção da professora Maria, personagem de *Outros cantos*: fazer com que os moradores de Olho d'Água sofressem um choque de pensamento e compreendessem a exploração a qual eram submetidos pelo “dono do lugar”. Praticamente um trabalho escravo com baixa remuneração, exploração de mais de dez horas de trabalho por dia, em que se incluíam adultos e crianças. Condições precárias de trabalho, sem nenhum acesso à saúde ou educação. Talvez a maior revolução feita por Maria naquelas terras fosse esta: a de levar as pessoas a exigirem os seus direitos mínimos.

Interessante destacar o movimento contrário feito por Maria, personagem do romance *Outros cantos*; não é mesmo de se estranhar que a narrativa em primeira pessoa procura explicar que ela voltou para lecionar, dividir o “pouco” que sabe, dar aulas para os mais velhos, ensinar para as turmas do MOBREAL. Maria recebera uma promessa de um desses políticos candidatos a vereador, e depois de chegar a Olho d'Água não havia sala de aula nem material. Ela acabou por esperar meses e meses até que pudesse iniciar seu trabalho. Enquanto esperava, pôde estreitar seus laços de amizade com o povo, as crianças e principalmente com Fátima, sua confidente e fiel escudeira. O leitor atento vê nesse deslocamento a semente

de uma revolução, uma mulher militante que havia rodado o mundo estaria por aquelas terras esperando seus companheiros enquanto partilhava a conscientização. Ela era discreta ao espalhar suas ideias, pois o povo, muito explorado, com horas e horas de trabalho a fio, sem registro na carteira e sem nenhum direito respeitado, não tinha consciência do tanto que lhes faltava.

Já Rosálio, pedreiro protagonista de *O voo da guará vermelha*, parte em andança pelo Brasil à procura de trabalho e instrução. Em todo lugar em que ele consegue um trabalho temporário, ele espera conseguir também aprender a ler e a escrever, ou quem sabe ao menos assinar seu nome, ele não desiste do seu sonho e nem permite que a falta de um estudo acadêmico limite seu talento nato para contar histórias, por isso, onde chega, faz amigos e divide saberes.

Tânia Regina Oliveira Ramos defende, em seu ensaio “Narrativas com fôlego”, que, no romance *O voo da guará vermelha*, “não há escrita, mas uma fala reiterante”, e acrescenta que ele “se constrói pelas duas narrativas que correm paralelamente”. (RAMOS, 2007, p. 32-41). Nele, as personagens que contam histórias são Rosálio e Irene, ele um pedreiro sem registro de nascença, que corre o país à procura de trabalho e principalmente estudo. Ela, uma prostituta sensível, soropositiva e alfabetizada que vai ensinar a Rosálio o entrelaçar das letras e ouvir suas inúmeras histórias. Em *Outros cantos*, por sua vez, as narradoras são a professora Maria, que, mesmo vindo de longe como um marinheiro viajante, é capaz de se interpenetrar, morar no sertão, trabalhar com homens, mulheres e crianças na produção e tingimento de redes, ouvir causos e também contar, rezar novenas, ajudar a fazer partos e falar a mesma linguagem deles; e Fátima, que permaneceu em Olho d’Água e também tem histórias para contar.

Além disso, como afirma Benjamin, “Metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 1987, p. 202). Numa boa narrativa, os fatos são narrados com maior exatidão, bem como o extraordinário e o miraculoso. O contexto psicológico não é imposto ao leitor, ele precisa interpretar livremente levando a história a amplitudes jamais pensadas. Rosálio, personagem de *O voo da guará vermelha*, é um narrador de primeira, sua condição de analfabeto não limita sua criatividade; desde o primeiro capítulo ele é apresentado ao leitor através de suas narrativas, tudo para ele tem uma oralidade, um motivo, uma lenda, um conto: a história dos muitos nomes, da ave no espinheiro, do Bugre, do João dos Ais, da professora Rosália, do pai, da mãe, da avó, do Zé Gregório, da Grota. Suas narrativas são sua forma de estar no mundo:

Quem me salvou do cativeiro, sem desconfiar de nada, foi Zé Gregório que um dia vi jogando uma flor para Donaninha, ela apanhando a flor no ar, enroscando-se dengosa, ele fazendo sinais, ela correndo pro mato, e ele saindo atrás dela, os dois demorando a voltar, cada qual

pelo seu lado, esse foi o segundo benefício que Zé Gregório me fez, que eu só vinguei nesta vida porque ele não esgotava o leite de sua mãe e sobejava pra mim, e assim foi, por muitos anos, Zé Gregório sempre fastioso e Dona Anastácia me chamando para aproveitar o que ele largava no prato, que eu comia ligeirinho como o esmeril da França, sem ligar nem um pouquinho para seu João Gregório dizendo que o comer do amuado é que cria o enjeitado (REZENDE, 2018, p. 56).

Rosálio maneja a própria história com fluência e ritmo, do seu baú emergem lições que propiciam o conhecimento da vida sertaneja, bem como aproxima o leitor de sua personagem, sua fala se faz também através dos ditados populares. Maria Valéria Rezende constrói nesses dois romances em estudo a história de dois narradores, dois contadores de história, pois a professora Maria, personagem de *Outros cantos* também costura resistência com grandes doses de narrativas que vai dividindo com o povoado de Olho d'Água. Pode-se dizer que praticamente a sua amizade com as pessoas do povoado se dá através do trabalho e das histórias que são divididas. Sua amizade com Fátima, uma mãe de família que fora deixada pelo marido e cria sozinha os filhos, constitui uma narrativa à parte. Ambas compartilham suas vivências o tempo inteiro, ao se apoiarem e dividirem suas alegrias e conflitos. Tornando-se parceiras, dividem também suas histórias:

Quando a melancolia me pegava de jeito [...], eu pedia a Fátima para me contar como tinha sido o milagre do cinematógrafo, tantas vezes que hoje ainda posso ouvir sua voz e sua linguagem, e matava-me de riso, ríamos as duas, minha amiga exagerando, inventando detalhes, inventando vozes e falas para fazer-me rir ainda mais, sabendo muito bem que me restaurar o ânimo era tarefa sua e de seu imbatível senso de humor, indispensável à sobrevivência naquela aridez (REZENDE, 2018, p. 41-42).

Juliana Silveira Paiva e Andreia Cristina Martins Pereira escreveram um artigo intitulado “A mulher possível do sertão de outros cantos” em que analisam a representação da sertaneja Fátima. Segundo as autoras, é personagem de relevância na trajetória de Maria, ela não está apenas inserida no conceito de amizade, mas atua também como irmã, cúmplice e confidente. Quando Maria desaba e parece desfalecer, Fátima aparece pedindo que lhes conte uma história. Observa-se, nessa interação, a cumplicidade entre duas mulheres e, mais uma vez, o valor da oralidade.

Ao construir a personagem Fátima, Maria Valéria Rezende consegue fazê-lo de forma a retratar múltiplas facetas, não fixando sua imagem a representações universais e estereotipadas de mulher e, principalmente, de mulher em condição de marginalidade extrema. A autora escapa, inclusive, da armadilha de vitimização da personagem, apesar de denunciar a situação dos sertanejos, enquanto categoria, naquele contexto de miséria e exploração. Fátima teria motivos de sobra para lamentar, mas nunca o faz (PAIVA; PEREIRA, 2018, p. 227).

Rezende nos apresenta Fátima como uma resistente, mulher de valores e sabedoria inestimáveis, amiga a quem a protagonista se espelha, com quem tanto aprende, do trabalho doméstico e culinário ao artesanal. Fátima, que vive em profunda dificuldade e abandono, jamais reclama de sua condição. Embora Maria conhecesse parte do mundo, era em companhia de Fátima que ia descobrindo seu mundo interior. Como vagalumes, uma se acendia na outra.

Recontar e conservar histórias

“A contação de histórias leva o ouvinte a um nível de prontidão que facilita a absorção do que é dito. Encantado, ele deseja rever e reter a história ouvida, tornando-se leitor” (VERSIANI; YUNES; CARVALHO, 2012, p. 96). Esta citação de Maria Clara Cavalcanti Albuquerque descreve bem as personagens em estudo, pois, a partir do momento em que são tocados pelo poder de fruição de uma boa história, jamais conseguem ser a mesma pessoa. A contação de histórias, tão presente nas obras analisadas neste artigo, corresponde ao poder de fantasia e fruição de que tratou Antonio Cândido, bem diferente de uma simples informação, como observou Walter Benjamin, pois a narrativa tem um efeito prolongado na vida e na alma dos interlocutores. Seu efeito é duradouro e importante para mudar-lhes a perspectiva de vida.

A informação só tem valor quando é nova. Ela só vive nesse momento e precisa integrar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se integra, ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 1987, p. 204).

Para Benjamin, “nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sábia concisão que as salva da análise psicológica”. (BENJAMIN, 1987, p. 204) Rezende se inscreve como uma observadora do mundo, uma caminhante, capaz de apreender tempo e lugar, uma autora sensível e formada junto ao povo. Viajar pelo Brasil, ouvindo suas histórias, faz o leitor crescer em esperanças, encontrar-se em situações reais, diferentes daquelas que morrem como um sopro de informação ou como uma mentira de *fake News*. O leitor carece ser respeitado e ao ler um livro que remonta a um Brasil tão recente, ele não pode fazer nada menos do que se alegrar, aplacar sua dor, diminuir sua ferida. Benjamin afirma que:

Quanto maior a naturalidade que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais sutilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e

exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente ligadas ao tédio – já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes (BENJAMIN, 1987, p. 204-205).

Por isso as histórias precisam ser conservadas, precisam ser recontadas. É preciso esquecer-se de si mesmo para recontar uma boa história e para que essa seja repassada, afinal quem conta um conto, aumenta um ponto. “O próprio Leskov considerava essa arte artesanal – a narrativa – como um ofício manual. ‘A literatura, diz ele numa carta, não é para mim uma arte, mas um trabalho manual’” (BENJAMIN, 1987, p. 205-206).

Didi-Huberman, ao citar Benjamin no livro *Sobrevivência dos vagalumes*, trata da grande “*experiência interior*”, que “por mais subjetiva, por mais obscura que seja, pode aparecer como um *lampejo para o outro*, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração e de sua transmissão”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 135). O narrador é quem vai encontrar esse *dictum*, esse *moto-continuum*, a fim de fazer a ponte entre texto e interlocutor, afinal quem escuta ou lê uma história está em companhia do narrador.

O leitor de um romance é de fato um homem solitário e, por mais que se reconheça numa história, por mais familiar que seja o narrador, “ele é algo de distante e que se distancia ainda mais” (BENJAMIN, 1987, p. 197). Por mais que tenhamos pequenos refletores numa cidade escura, ou escassos vagalumes que arrefeceram com a advento das luzes, é preciso ter força para resistir com a leitura de um romance, estar sozinho e mesmo assim desmembrar as camadas de solidão para se chegar ao final de uma história com a qual houve identificação lá no seu início, graças a essa ponte dada pelo narrador.

Irene com certeza não seria a última personagem a encantar e preencher o rol de histórias de Rosálio, mas foi a última que conhecemos. O tempo, nesta narrativa, fez sua trégua nessa personagem; melancólica, ela soube também cultivar a alegria, aquela alegria dos que têm um descanso de saúde e sossego antes da chegada da morte. Irene soube aproveitar, agradecer e deixar seu rastro de histórias. “A morte é a sensação de que tudo o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural” (BENJAMIN, 1987, p. 208). Esse fenômeno que Benjamin destaca do narrador pode ser lido em *O voo da guará vermelha*. Condenada a pouco tempo de vida pelo vírus HIV, Irene reconta passagens de sua vida, como o laço de amor que a prendia ao avô, a história do sagui, o amor por Romualdo e as insondáveis comparações

com Rosálio, mas, mais exemplarmente, ela sonha e vive o sonho, quando certa de que suas renúncias caberiam num pequeno espaço de um voo; mas suas lutas, como o afeto e alfabetização de Rosálio, conservariam o que nela ainda desagruava: a vida. “Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em se conservar o que foi narrado” (BENJAMIN, 1987, p. 210). Como estava distante do filho e não tivesse parentes, ela tinha no seu companheiro um alguém que conservasse sua passagem pela vida.

Meu avô quebrava pedras, suando de sol a sol, eu lhe trazia a quartinha de água fresca e lhe tocava as costas, as costas de meu avô eram pedra, a pele de meu avô, no sol, tinha cor de sola e pedra, o braço de meu avô se estirava e continuava em pau e ferro, batia e arrebatava o lajedo em mil pedaços. Meu avô erguia a marreta e cantava com voz de ventania, como um eco numa gruta, eu olhava, ouvia, e esperava ele parar, meu avô bebia da quartinha a água doce e fresca, me deixava no rosto um beijo com gosto de sal e eu achava que era importante demais levar água pra ele. Naquele tempo, eu sabia pra que vivia (REZENDE, 2016, p. 36-37).

Irene conta essa história numa das noites em que Rosálio vai visitá-la, é ele quem pede, quase insiste. Pergunta se, além de ser alfabetizada, ela sabe contar histórias. Ela se emociona, fica engasgada, afinal é a história da sua vida, que culmina na morte do avô e a conseqüente sensação de não ter mais ninguém no mundo, pois o irmão já havia partido, assim como seu grande amor, Romualdo, que fora para o exército e não dava notícias. Ela não tinha mais ninguém. Não era aceita para morar em casas de família, perdeu a casa em que morava com o avô, pois o dono da pedreira a pediu de volta. Teve como destino o caminho das ruas. Rosálio sentiu a explosão de lágrimas que enchem seus olhos, e emendou com uma de suas histórias. Como bem disse Pascal e lembrou Benjamin, “ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscência, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro” (BENJAMIN, 1987, p. 212). Além disso, citando Lukács, Benjamin argumenta:

O romancista recebe a sucessão quase sempre com a profunda melancolia. [...] ‘O tempo, diz a *Teoria do romance*, só pode ser constitutivo quando cessa a ligação com a pátria transcendental... Somente o romance separa o sentido e a vida, e, portanto, o essencial e o temporal; podemos quase dizer que toda a ação interna do romance não é senão a luta contra o poder do tempo. [...] O sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade da exterioridade quando percebe a unidade de toda sua vida na corrente vital do seu passado, resumida na reminiscência. A visão capaz de perceber essa unidade é a apreensão divinatória e intuitiva do sentido da vida, inatingido e, portanto, inexprimível’ (BENJAMIN, 1987, p. 212).

A dualidade vida/morte, tempo/finitude, crava no sujeito a foice da reminiscência. Deleuze e Guattari afirmam, logo no início de *O que é a filosofia*, que “talvez só tardiamente, quando chega a velhice, é que poderemos falar concretamente” (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 9). Não que a velhice signifique morte, mas com certeza traz consigo um rol de experiências e plenitudes. “Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravessasse as eras...” (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 9).

Para Walter Benjamin, “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” (BENJAMIN, 1987, p. 205). Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Rosálio realizou seu sonho ao aprender a ler e a escrever com a companheira Irene e, mais do que isso, ganhou praças e ruas, vestindo-se com roupas coloridas e levando o seu baú para contar histórias às pessoas. A saúde frágil de Irene não permitiu que ela continuasse acompanhando Rosálio nas suas idas à praça, mas seus últimos meses de vida foram intensos, cheios de aventuras por encontrar um grande amor, ouvir dele suas histórias e partilhar o conhecimento que possuía. Ela voou feliz, deixando suas experiências para serem recontadas por um grande narrador.

De fato, estamos diante de narrativas que transformaram a vida das pessoas. Maria, a narradora-protagonista de *Outros cantos* precisou partir de Olho d'Água às pressas, pois fora descoberta por agentes do governo antes de iniciarem de fato uma revolução naquele lugar, porém seu trabalho fora feito. Sua semente foi plantada. As pessoas tiveram contato com a militante-professora que partilhava histórias e afetos.

Considerações finais

Na narrativa de *O voo da guará vermelha*, as personagens resistem, encontram forças porque encontram um ao outro e, como vagalumes que migraram para longe de suas terras, têm a partir desse encontro a perspectiva de uma nova vida. Lembremo-nos de Didi-Huberman (2011, p. 135), ao citar “a grande experiência interior de cada um, que, por mais subjetiva, pode aparecer como um lampejo para o outro, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração e de sua transmissão”. Rosálio e Irene constituíram lampejos que se acendiam no outro e, somadas as forças de ambos, foram atenuadas as dores e construídos os caminhos de uma luta contra a subsistência, o preconceito e o abandono. Foi possível, assim, alcançarem um direito inerente a todo ser humano: o sonho e a fruição da fantasia.

O poder dessas personagens de partilhar palavras e histórias alcançou o que sempre previu o professor Antonio Candido, uma prerrogativa inerente e necessária à vida de todas as pessoas. Em seu ensaio “O direito à Literatura”, ele defende que a literatura é um instrumento poderoso de educação e instrução, que deve ser proposta a cada um como equipamento intelectual e coletivo:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p. 174-175).

Para o professor, a literatura é uma necessidade básica, um direito. E como não passamos uma só noite sem sonhar, não é possível que passemos também um só dia sem que nos entreguemos à fantasia e fruição, momentos de entrega ao fabulado. Vista deste modo, como uma manifestação universal, ela constitui-se prerrogativa nas obras de Maria Valéria Rezende, que trouxe sua experiência de freira e educadora freiriana para seus livros. Ao lê-los, temos nossas esperanças também renovadas, e em momentos tão obscuros isso se faz imprescindível. No romance *Outros cantos*, a princípio, Maria é quem tem a função vagalume, ao voltar a Olho d'Água com ideias de revolução e conscientização, mas, de uma forma infinitamente bela, ela é iluminada pelos reflexos dos moradores do lugar, aprende infinitas lições e faz amizades que valem para toda uma vida: seu contato com o povo lhe permite conhecer a linguagem dele, o trabalho manual de tingimento e o fiar de redes, a feitura de partos, a cantoria de novenas, as receitas, embora rarefeitas, de cuscuz e suas mágicas misturas. Maria passa por um incrível processo de encontro com o seu eu enquanto cavouca suas lembranças dentro de um ônibus em movimento: mais do que lembrar, ela libera o vivido, passa por transformações, atravessa seus desertos para encontrar-se com o seu passado.

Mostrando as dificuldades, mas também a resistência do povo, a obra de Maria Valéria Rezende é uma forma de conscientização, beleza e denúncia. O olhar de Rezende nos dois romances estudados é potencializado na contação de histórias e na forte presença do narrador, inclusive o secundário. A linguagem deve ser compreendida como oralidade, há versos de cordel, cores, cheiros, novenas. Para além do que se pretende com o alcance desse grande poder de narrar, há o de fazer fabular. Seguimos dentro dessas obras, através de seus blocos independentes. São blocos independentes da autora, da realidade ou de nós mesmos. Percebe-se que há um prolongamento dentro desse voo, ele não terminou, mas vive porque é arte. E só a arte se conserva, só à arte é dada essa premissa eterna.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. Obras escolhidas, v. 1. p. 197-221.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 174-175.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**. 2. ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2009.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova & Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Narrativas com fôlego. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 32-41, dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/4111>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- REZENDE, Maria Valéria. **O voo da guará vermelha**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.
- REZENDE, Maria Valéria. **Outros cantos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- PAIVA, Juliana Silveira; PEREIRA, Andrea Cristina Martins. A mulher possível do sertão de *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende. **Travessias interativas**, São Cristóvão (SE), n. 16, v. 8, p. 215-229, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10287>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- VERSIANI, Daniela B; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco da PUC-Rio, 2012.